

## “Tu também és um Mucker!” “Esqueceram seu próprio nome”?

“You’re a ‘Mucker’ too”. “They forgot their own name.”

Sidnei Vilmar Noé<sup>1</sup>

### RESUMO

---

Uma chaga histórica reabre no bicentenário da imigração alemã: por que um punhado de pacatas cidadãs, que se reuniram sob um círculo essencialmente espiritual, pejorativamente acusado de Mucker, ensejou tal perseguição a ponto de ser trucidado mediante investida militar? Como veremos desde um exemplo sincrônico a Königsberg, a resposta deve ser buscada na própria história trazida pelos emigrantes: a radicalidade da crença em uma relação direta com deus, facilitada por algumas naturezas especialmente dotadas, lá Schönherr e Ebel, cá Jacobina; a crueza da realidade que demanda uma subversão espiritual para se tornar um lugar habitável; a profunda suspeita em relação às autoridades instituídas; o anúncio do reino de Deus e do respectivo juízo; o contágio coletivo por essa cosmovisão até as últimas consequências. Logo, é uma história que criou sua rima peculiar aqui, e também, uma mitologia que se realizou à história e uma história que ascendeu ao mito.

---

**Palavras-chave:** Mucker; Königsberg; Ferrabrás; Schönherr; Jacobina.

---

### ABSTRACT

---

A historical wound reopens on the bicentenary of German immigration to Brazil: why did a handful of peaceful citizens, who gathered under an essentially spiritual circle, pejoratively accused of Mucker, give rise to such persecution to the point of being slaughtered through a military attack? As we will see from a synchronic example in Königsberg, the answer must be sought in the history brought by the emigrants: the radicality of the belief in a direct relationship with God, facilitated by some specially gifted natures, there Schönherr and Ebel, here Jacobina; the rawness of reality that demands a spiritual subversion to become a livable place; the deep suspicion towards the established authorities; the announcement of the kingdom of God and its judgment; the collective contagion by this worldview until the ultimate consequences. Therefore, it is a story that created its peculiar rhyme here, and also, a mythology that took place in history and a story that ascended to myth.

---

**Keywords:** Mucker; Königsberg; Ferrabrás; Schönherr; Jacobina.

---

---

<sup>1</sup> Professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [sidnei.noe@ufjf.br](mailto:sidnei.noe@ufjf.br)

## Introdução

Não, eu não sabia de nada! Às vezes a ignorância se torna virtude diante da facticidade da vida... As únicas vezes que ouvira o termo ao longo de toda a minha infância fora quando minha mãe, certa feita, censurasse meu pai, Elemar Noé (*in memoriam*), com a pior ofensa que lhe viesse à mente: ‘– *Du Mucker!*’ (seu Mucker!<sup>2</sup>). Mal suspeitava eu do peso da história por detrás desse arroubo que já à época me parecera difamatório... Fora o historiador Willy Fuchs (Fuchs, 1934), já privado da luz dos olhos, quem, ao final do milênio passado me chamara solenemente à sua casa para introduzir-me nessa história até então encoberta no seio das próprias famílias, particularmente Fuchs e Noé.<sup>3</sup> Eu nascera um século após os eventos “à sombra do mítico Ferrabrás” (Muxfeldt, 1991, p. 3).<sup>4</sup>

Na ocasião, o referido estudioso me invitara a compartilhar comigo aquilo que soubesse sobre o assunto em questão. Porque Fuchs também era descendente de sobreviventes! Entre outros materiais, o ancião me repassara uma farta documentação, incluindo cópia do texto original de Miguel Noé, de 1930, que faz referência à história legada pelo seu pai, João Daniel Noé, de 1874, e que obtivera junto ao Museu Histórico de Porto Alegre.<sup>5</sup> Lembro que saí do encontro um tanto abalado e angustiado diante das notícias inesperadas. Uma leitura rápida do referido texto me mostrara clara e distintamente que há uma genealogia do espírito; que a história recria sua própria história (ou, como dissera Theodor Reik em 1965, “[i]t has been said that history repeats itself. This is perhaps not quite correct; it merely rhymes” (tem-se dito que a história se autorrepete.

<sup>2</sup> O *terminus technicus* “Mucker” aparece na língua alemã como substantivo masculino, adjetivo e verbo. Como substantivo se refere a alguém que “resmungua, zune e guarda rancor”. Desde o século XVIII já era amplamente empregado para designar sarcasticamente não só crentes, mas, com efeito, qualquer cura d’almas piedoso, a partir de uma tradução anônima da obra *Tartufo* de Molière (Breslau/Leipzig, 2ª. Ed. 1756). A despeito disso, o termo remonta ao séc. XV, derivado de “*mucken*”, que se refere a alguém que *muckt*; isto é, murmura, sussurra com lábios semicerrados. Cf. DWDS, verbete “*Mucker*”. A enciclopédia coetânea dos irmãos Grimm basicamente deriva o substantivo “*Mucker*” do verbo “*mucken*”, diga-se, aquela(e) que fala sussurrando, resmungando, com fonemas quase inaudíveis, falando mais para dentro do que para fora, mastigando as palavras... Cf. Jacob Grimm und Wilhelm Grimm, *Deutsches Wörterbuch* (DW). Evidentemente o sentido sempre adquire conotação pejorativa e relembra a atitude adjudicada aos fariseus e escribas, conforme o texto bíblico (cf., p. ex., Lc 5.17-26), que aparentemente se comportam foram ‘mais santos’ que outros.

<sup>3</sup> A história de ambas as famílias se encontra tão intrincada que a própria genealogia não as diferencie. Cf. M. Domingues, *A nova face dos Muckers*, p. 413-422. Segundo a mesma depreende-se também que o autor dos “Apontamentos”, Daniel Noé, fora tio-avô de meu pai, Elemar Noé; logo, meu tio-bisavô.

<sup>4</sup> É interessante que a bibliografia sobre o assunto usa indiscriminadamente a expressão Morro Ferrabraz ou Morro Ferrabrás (episódio histórico também conhecido como “Campanha do Morro de Ferrabrás”). Decerto a última é a mais correta, pois trata-se de um francofoníssimo oriundo de *fier-à-bras* (ferro em brasa), personagem conhecido desde o medievo como destemido no combate aos sarracenos. Ou, conforme se depreenda do francês popular: «*Un fier-à-bras est une personne qui se montre courageuse, téméraire et prête à défendre ses convictions ou à se battre pour ce en quoi elle croit. C’est souvent une personne qui n’hésite pas à prendre des risques et à affronter les difficultés avec détermination.*» Também chama a atenção que o termo Morro não receba nenhum tratamento reflexivo mais profundo, visto que este também carregue vasto significado simbólico... Conforme já pensassem os ancestrais latinos: *nomen est omen!* Ou seja, cabe prestar atenção aos nomes, todos margeados por conotações simbólicas, que não só se aplicam ao termo Mucker, mas se estendem inclusive aos nomes próprios Maurer, Jacobina(o), Noé (acaso não cursava o boato de que seriam construídas “arcas” no alto do morro?), sem esquecer que os prenomes da grande maioria se referissem a personagens bíblicos...

<sup>5</sup> Este escrito é citado como “Apontamentos de Miguel Noé”, sob o título História do ano de 1874, com a epígrafe – “O que meu pai João Daniel Noé gravou no ano de 1874 e do que eu mesmo ainda me lembro”, traduzido do alemão por Eleonore Erika Weber, e que consta como Apêndice 1 da obra de M. Domingues, *A nova face dos Muckers*, p. 383-308.

Isso talvez não seja bem correto; ela meramente recria rimas). Mais intenso do que o texto em si, fora constatar os nomes de meus ancestrais inscritos à história mediante caracteres de sangue. Literalmente,

[a] última despedida dos sobreviventes na cabana do mato. Como dentro da cabana todos estavam mortos, os sobreviventes procuraram se afastar (...). O pai e dois filhos, Conrado Noé, Henrique Noé e João Noé tombaram na cabana. Cada um que sobreviveu procurou se juntar à família.

Os seguintes se encontraram no mato: João Daniel Noé, Henrique Noé, Jacó Noé, Nicolau Fuchs e Daniel Arend. (Domingues, 1977, p. 396).

Acontece que um desses sobreviventes que procurasse juntar sua família e se encontrava “no mato” fora Henrique (Pedro) Noé<sup>6</sup>, meu bisavô (casado com Maria Schnell, também conhecida como ‘parteira dos Mucker’, e por ter tido sua mão varada por uma bala quando do massacre no Ferrabrás<sup>7</sup>), filho de Jorge Jacó Noé (Domingues, 1977 p. 358), meu tataravô, e pai de Henrique Noé Filho, meu avô. Como à época não tivesse condições de me aprofundar no assunto (ou talvez, mais provavelmente, me sentisse melindrado pelo peso da questão) fui deixando-o de lado, sem que este, todavia, me deixasse em paz, até que agora, pelo próprio preço que a natureza cobra dos vivos, ele houvesse adquirido um caráter existencial irresistível, de ao menos reviver em espírito, esta história, no sentido de resgatar a participação de meus antepassados no episódio, até para não esquecer do próprio nome.<sup>8</sup> Também aqui se aplica a máxima da língua alemã: *die Geister, die ich rief, liessen mich nicht mehr los* (os espíritos que invoquei não me deixaram mais em paz).

## 1. Reminiscências

Foi preciso que o autor aprendesse a viver para poder olhar para trás e (*re*)ligar os pontos dos fragmentos da memória sob um quadro que inserisse a história do desenvolvimento psicossocial subjetivo àquela, do espírito coletivo mais próximo, e herdada contextualmente — se bem que aqui, não geral, mas delimitada pelo escopo genealógico. Cito alguns desses pontos que ora se tornaram cruciais para recompor um enredo mais amplo.

<sup>6</sup> Este é precisamente “o Henrique Noé, nascido em cerca de 1845, solteiro em 1870, e em 1879 dado como ‘em lugar incerto e não sabido’ havia cerca de 4 anos; fugiu do Ferrabrás à última hora” (Domingues, 1977, p. 415). Na verdade, ele nascera em 30.07.1845 e falecera em 29.11.1919.

<sup>7</sup> Trata-se mui provavelmente do mesmo nome citado por Domingues: “[n]ão foi Henrique Mentz o último Mucker a acatar a autoridade do pastor Boeber: a 6/4/1873, Maria e Felisberto Schnell, filhos do Mucker João Carlos Germano Schnell, foram confirmados em Sapiranga pelo dito pastor, em cerimônia a que compareceu um número de confirmandos bastante acima do comum.” (Domingues, 1977, p. 87).

<sup>8</sup> Obs.: falo na primeira pessoa e sequer pensaria em falar em nome do restante da família, muito menos das(os) demais descendentes dos Mucker. Tenho ciência também que o simples fato de ser um dos descendentes não me conceda qualquer privilégio especial para falar mediante prerrogativa sobre o assunto. E, finalmente, do ponto de vista estritamente hermenêutico, revisitar essa história, a partir de um lugar de fala pessoal, se justifica, porque nada mais seja que uma variação (com certa liberdade poética) do mote de Schleiermacher, que ensinou ser necessário cotejar a parte com o todo e vice-versa (cf. *Dialética*, 1811); ou, no caso em questão, o particular com o geral e o coletivo com o especial, porque há um singular paralelismo entre a onto- e a filogênese, como já nos ensinara o Pai da Psicanálise, ainda que sob outro contexto teórico-metodológico.

A anamnese da psicogênese subjetiva<sup>9</sup>, em primeiro lugar, me leva à antiga casa de meus pais. Quando criança, era comum que meus pais cuidassem de seus afazeres, enquanto eu permanecesse sozinho em casa (“sou filho único, tenho minha casa pra olhar” – Adoniran Barbosa). Além dos gatos, cabia-me cuidar do fogo no fogão à lenha, sem esquecer de colocar água na fervura da mandioca e do feijão, sempre sob o olhar sério, sóbrio (um tanto penetrante e enérgico), dos quatro retratos grandes na sala de pé-direito alto, em degradê preto e branco tipicamente luterano, emoldurados em madeira, com detalhes arabescos talhados à mão, que me faziam conviver com quatro gerações da linha paterna da minha família: Henrique Pedro Noé e Maria Schnell (bisavós), Henrique Noé Filho e Paulina Cristina Weide Noé (avós), além de seus respectivos pais, Jacob Weide e Juliana Scherer Weide, bem como, Elemar Noé e Aldair Naome Noé, meus pais.<sup>10</sup>

Logo, os ancestrais mais remotos eram jovens-adultos quando do episódio Mucker, e sobreviveram porque Henrique Pedro Noé, junto de alguns poucos outros, se refugiara no mato. Cerca de um quarto de século depois da história, algumas das famílias sobreviventes foram assassinadas na Colônia Bastos, mais precisamente na Linha Tamanduá (hoje município de Marques de Souza), acusados injustamente de homicídio, como registrado nos autos, dentre os quais, um de meus antepassados, Felipe Noé Filho, porque sobre esses pesasse a espada de Dâmocles da ascendência Mucker.<sup>11</sup> Há, portanto, um histórico de perseguição que se estendera no tempo, muito empós ao acontecido no Ferrabrás. Talvez seja por isso que nunca se falasse em casa sobre esse assunto, ao menos não comigo, porque ser Mucker era tabu e, eventualmente, poderia implicar intolerância, perseguição e assassinato (o nobre ex-professor Dr. Martin Norberto Dreher escolheu bem as palavras ao caracterizar os acontecimentos do Ferrabrás como primeiro caso de “*bullying* religioso”<sup>12</sup> à *terra Brasilis*). Com a devida vênia ao ilustre imortal mineiro de Cordisburgo, a verdade da frase colocada à boca de Riobaldo, “viver é perigoso”, também se aplica aqui, só que com baioneta ainda mais contundente (Rosa, 1956). Mais recentemente, quando me propus a passar a limpo essa história, perguntei a minha mãe, ainda

<sup>9</sup> Certamente aqui não é o lugar para aprofundar-se tal reflexão acerca deste método percorrido. Basicamente, todavia, ele parte do pressuposto de que, ao revistar (anamnese) a própria psicogênese, neste caso, inserida à memória genealógica, se abre uma janela à discussão histórica e vice-versa. Uma atitude respalda a outra. É, em outras palavras, uma construção que sintoniza a memória individual e coletiva, respectivamente, interpreta dialeticamente a subjetiva, à luz da, histórica e, contrário senso, a objetiva, à pessoal e familiar.

<sup>10</sup> Os restos mortais de todos foram exumados e sepultados no jazigo da família no cemitério da Comunidade de Picada Felipe Essig (Travesseiro, RS), Paróquia de Marques de Souza, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com exceção do avô paterno, Henrique Noé Filho, sepultado em Marechal Cândido Rondon, PR.

<sup>11</sup> O assassinato ocorreu em 03.01.1898, junto de mais outros quatro sobreviventes, Jacob Gräbin (que por sua vez era sogro de Georg Jakob Noé), seus dois filhos, Jacó e Adão, bem como, Luís Künzel. Esse crime foi cometido por cerca de 200 moradores, segundo Ambrósio SCHUPP em “Os mucker – a tragédia histórica do Ferrabrás”. Foram atacados e chacinados por colonos de Picada Maio, porque esses acreditassem que a Sra. Schröder tivesse sido morta pelos Mucker, quando na verdade fora vítima de seu próprio marido, que a matara para casar-se com outra. Após o linchamento, foram declarados inocentes.

<sup>12</sup> Cf. a segunda reportagem do caso dos Mucker, feita pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), disponível em <https://youtu.be/AmqziU46Urk> (visitado em 14 de maio de 2024). Obs.: na Alemanha de hoje usa-se denominar esse tipo de assédio de *Mobbing*. Como se trata de um verbete técnico, e o equivalente no vernáculo – “assédio moral” – apresente visíveis limitações, convém manter o emprego dos anglicanismos correntes. Quanto ao ser ou não “o primeiro caso” cabe dizer que aqui temos objetivamente documentada, nos autos do processo, tal perseguição. Todavia, também convém dizer que eventualmente esteja em jogo uma das marcas da religiosidade desta terra que se estende até hoje: a saber, a intolerância!

viva, sobre o que soubesse dos Mucker e do envolvimento da família paterna no episódio, e ela me respondeu lapidarmente: — *“och, dein Vater hat öfters drüwer geredt, aber ich hon nie ufgepasst”* (quer saber, teu pai falou muitas vezes a respeito, mas eu nunca prestei atenção).

Outra recordação me vem à mente: em meados da última década do milênio passado, durante o doutorado na Alemanha, recebi a visita de meus pais, e decidimos fazer uma viagem ao estado de Saarland, mais precisamente ao Kreis St. Wendel, à vila de Niederlinxweiler, que segundo o pastor Hunsche haveria de ter sido o lugar de origem da família Noé. Como fosse domingo de tarde e não houvesse alma viva na rua, tivemos que contar com a sorte. E não é que logo nos deparamos com o memorial aos tombados nas duas grandes guerras mundiais, dentre os quais, contassem vários Noé. Era o primeiro indício de que estávamos no lugar certo! Como isso, sem embargo, não nos ajudasse adiante, começamos a vasculhar o cemitério evangélico-luterano local, e fomos bem-sucedidos. Havia jazigos da família! Quis o destino que uma senhora idosa estivesse limpando uma lápide e, ao me dirigir a ela perguntando, não sem certo receio, se ela, por acaso conhecesse algum Noé ainda vivo na aldeia, a idosa abrisse um largo sorriso dizendo: — *“sehen Sie das Haus da drüben, da wohnt ein Noé”* (veja aquela casa logo ali; pois bem, lá mora um Noé).

Toquei a campainha! Abriu um senhor de idade, de nome Six, ao qual prontamente dissera que procurava por algum Noé. Ele me respondeu: — minha esposa é Noé de casa! Para minha surpresa, o anfitrião nos convidou a entrar (haja vista que não seja comum receber desconhecidos, muito menos sem agendamento prévio). Logo apareceu a esposa Hannelore (Noé) Six, à qual contei minha história e a de meus pais. Ela nos recebeu com muita gentileza e foi uma tarde memorável. Além de meus pais poderem se comunicar e serem compreendidos sem maiores dificuldades com os hospedeiros, através do dialeto comum, esta parente distante nos mostrou um grosso volume do *Stammbuch der Familie Noé* (livro de registros da árvore genealógica da família Noé), onde se encontravam precisamente os nomes dos nossos antepassados, com a observação *“ausgewandert nach Brasilien, mit Genehmigung”* (emigrados ao Brasil, mediante autorização oficial).<sup>13</sup> Foi uma grata descoberta! Depois disso, a anfitriã nos levou à casa de seu filho Wolfgang Noé e juntos visitamos a oficina, ainda plenamente conservada, onde os antepassados trabalhavam como *Küfermeistern* (tanoeiros, fabricantes de barricas, especialmente de vinho). Por muitos anos, até a morte de meu pai, a parente distante continuou se correspondendo com ele.

Soubemos também, através do *Stammbuch*, que nossa família originalmente provinha da região de Toulouse, sul da França, e que os registros mais antigos remontam ao século XIII. Também, que parte dos antepassados mais antigos eram Huguenotes (século XVI), e que estes

<sup>13</sup> Georg Jakob Nöe (\*11.10.1790 em Nlw. Kb.495 †? – também chamado de Sênior) consta como „ausgewandert nach Brasilien im Jahre 1829“, casado com Maria Katharina Fuchs (\*10.12.1795 in Nlw. Kb. 329 †?). Filhos: Maria Katharina, Georg Jakob (Júnior), Anna Maria, Johann Georg, Johann Konrad, Maria Bárbara, Johann Daniel, Maria Elisabeth, Christina, Jakob. Destes, Georg Jakob Nöe Júnior (†22.12.1816 in Nlw. †1879? – Porto Alegre – meu tataravô) foi casado com Maria Elisabeth Petry (\*1843 †1878?) e viveu em Linha Nova, São Sebastião do Caí, tendo como filhos Maria Margarethe, Jakob, Maria Elisabeth, Heinrich Peter (meu bisavô), Georg, Elisabeth e Maria Christina. Logo, meu bisavô, Henrique Pedro Noé e sua consorte já nasceram no Brasil. Note-se que a grafia do nome sofreu variações de acordo com as mudanças ortográficas (mesmo na Alemanha o nome era e ainda é escrito aleatoriamente como Nöe, Nöé, Noë, Noe, Noé, predominando este último), mas não resta dúvida de que se trata do mesmo tronco familiar. Também foi possível constar que o ancestral mais remoto aportou em Santos, a cargo do navio Olbers, em 28.03.1829, junto de sua família e de lá seguiu à Província de São Pedro.

se refugiaram mormente em Berlim e Viena, mas também, na região fronteira, sob constante litígio entre França e Alemanha, no atual estado de Saarland (me vem à mente a famigerada “noite de São Bartolomeu dos dias 23 e 24 de 1572). É possível identificar explicitamente a influência francesa na cidade de Sankt Wendel, que no Brasil, não por acaso, e certamente em sua homenagem, fora chamada de São Vendelino, RS. Logo, a família se insere em uma linha histórica de perseguição, por um lado, e de embate com as autoridades constituídas, tanto clericais quanto seculares, por outro. Junta-se a este fato, que a família Schnell, da qual descendesse minha bisavó Maria Schnell, fosse de Stralsund, Prússia Oriental, fortemente marcada pelo pietismo.<sup>14</sup>

Outro memento da infância me sobreveio: ambos os vizinhos de meus pais eram de sobrenome Fuchs, e um deles, inclusive, meu padrinho. Também, que logo reconheci outras famílias citadas como membros do movimento, cujos nomes aqui preservo, dado este que corrobora o que conste da literatura, a saber, que essas famílias eram muito próximas entre si, inclusive aparentadas. Afora isso, relembro que boa parte das conversas entre os adultos, que soessem se visitar mutuamente, usassem versar sobre assuntos genealógicos: quem era parente de quem, qual era a sina de cada qual; bem como, seus respectivos vícios e histórico de doenças físicas e psíquicas. Em outras palavras, cada família parecesse determinada pela sua própria história, o que me fez lembrar do profeta Ezequiel quando este afirmasse que “os pais comeram as uvas verdes e os filhos nasceram com os dentes podres” (Ezequiel 18.2).

Também me lembro de sempre haver me perguntado desde criança por que não havia quaisquer papéis de identificação com a família, nem outros objetos pessoais, que tivessem valor simbólico para os ancestrais. Por que não havia passaporte? Sequer o *ticket* da passagem do navio transatlântico, que certamente haveria de ter grande valor afetivo por lembrar do grande esforço empregado à tomada desta decisão tão existencial de emigrar, com imprevisíveis conseqüências para boa parte da família. E sobre o tempo à Província de São Pedro: registros de compra e venda de terras, bem como, de quaisquer outros bens e mantimentos. Absolutamente nada! Por quê? Certamente por medo de ser reconhecido e desmascarado a qualquer momento com a infame acusação: “— tu és um Mucker!”

E, não por último, me recordo do fascínio de meu pai pela apicultura. Ele inclusive tinha colmeias espalhadas em um raio de cerca de 30 km, às quais eu também visitava esporadicamente com ele. O dia da coleta do mel era sempre um ponto alto na labuta familiar. Lembro de sorver nacos de favos diretamente da prensa, com o mel escorrendo pelos cotovelos. Sempre me perguntei de onde vinha esse grande interesse pelas abelhas. Agora, ao revistar a história Mucker, vi que esse interesse também era partilhado entre os adeptos, e me passa pela cabeça, que talvez os acólitos de Jacobina se autocompreendessem simbolicamente como uma colmeia, com uma rainha em seu epicentro, o que de certa forma confirmaria inclusive a alcunha pejorativa de “*Schwärmer*”, só que em sentido positivo.

Com o auxílio do prestimoso e sempre disponível Jacó Mula, Ana Maria enchia a mesa com o que havia na despensa: ovos, manteiga envolta em folhas

<sup>14</sup> Note-se que o Pietismo era apenas uma das bases teológicas dos Mucker do Ferrabrás, inclusive, menos prestigiada, até que, conforme especulação de Domingues, fosse inculcado no seio do movimento pelo ominoso personagem Hardes Fleck, através da sua incidência espiritual sobre Jacobina. Cf. M. DOMINGUES, *A nova face dos Muckers*, p. 73 s. Sobre o pietismo confira A. RITSCHL, *Geschichte des Pietismus*. Bonn: A. Marcus, 1866.

“Tu também és um Mucker?” “Esqueceram seu próprio nome”?

de repolho, pães de milho e de centeio, linguiças e morcilhas, toucinhos, etc. Num prato de cerâmica eram colocados favos de mel, laranjas, abacaxis e outras frutas da estação.

O ponto alto era um bule de café fumegante trazido por Ana Maria, acompanhado por um (sic copo) de leite. O recém-chegado iniciava sua refeição provando um pedaço de favo de mel, com a recomendação de Jacó Mula de que não deveria engolir a cera, pois era usada por João Jorge para fazer emplastos e unguentos. (Muxfeldt, 1991, p. 41).

## 2. Um registro histórico sincrônico

Data de 1923, um artigo de um psiquiatra, publicado no *Archiv für Psychiatrie* (Arquivo para a Psiquiatria). Seu autor relata uma história que eventualmente possa lançar mais uma luz própria sobre os eventos correlatos ao Ferrabrás. Doutor em Filosofia e médico junto à *Psychiatrischen und Nervenlinik in Königsberg* (Clínica Psiquiátrica e Neurológica de Königsberg – desde 1946, um enclave russo no Báltico, denominado de Kaliningrado, situado entre a Polônia e a Lituânia e anteriormente território da Prússia Oriental – aliás, terra natal de E. Kant), Hugo Daffner apresenta um texto intitulado *Zur Psychopathologie der Königsberger Mucker* (Sobre a psicopatologia dos Mucker de Königsberg). São dois, os protagonistas da história base do artigo, Schönherr e Ebel.

Ambas as histórias revelam certo pano de fundo comum aos Mucker de lá e de cá.<sup>15</sup> O autor começa seu escrito com a seguinte consideração:

[e]mbora já houvesse evidências de uma tendência cada vez maior de envolvimento com pensamentos e sentimentos místicos ao longo do último século (XIX – NT), este movimento parece ter-se tornado particularmente intenso nas últimas décadas, com todos os seus efeitos típicos correlatos. Os escritos dos antigos místicos começaram a ser reimpressos em edições novas e caras. Mais do que isso, tal evidencia-se nos numerosos seguidores que fundaram comunidades espiritualistas, teosóficas, ocultistas e similares, bem como, nos círculos que se constituíram em torno de filósofos esteticistas e poetas de cunho místico, que em nossa época de forma alguma desaparecessem, e se reunissem sob o assim chamado sistema de culto precípua e de tudo o que venha ao seu encaixe. A Alemanha há tempo é reconhecida como berço onde floresça especialmente, o sectarismo. E seu lado setentrional parece colher frutos mais abundantes que o, meridional. Entre as numerosas seitas que conhecemos nos países protestantes, a dos assim chamados *königsberger Mucker* tornou-se uma das mais conhecidas, no primeiro terço do século passado (XIX – NT). Ela culminou em um escândalo público que só foi resolvido mediante um julgamento amplo por parte do Estado, com o respectivo indiciamento e sentenciamento dos líderes da referida seita. (Daffner, 1923, p. 151).

<sup>15</sup> Lá o episódio se deu a Königsberg (Prússia Oriental), entre 1835-1841; aqui, no atual município de Sapiranga, RS, entre 1867 e 1873.

Depreende-se haver uma atmosfera, um *Zeit des Geistes* (tempo do espírito), que enfronte toda uma época, onde ocorre certo retorno ao misticismo, o qual se estenda desde o Medievo e recebera importante impulso na Reforma, em que se privilegia a interação direta do crente com Deus, sem intermediação do magistério eclesiástico, tampouco, da tradição histórica do Cristianismo, ladeado por sua radicalização subjetivante através do Pietismo e, não por último, impulsionado pelo apelo ao retorno à natureza, compreendida desde seu elã-vital, também subjacente aos seus coirmãos filosóficos, o Romantismo, a Filosofia Transcendental e o Idealismo. Adira-se a esse ecletismo religioso-cultural, a assumpção da tese Reformada da predestinação divina dos(as) eleitos(as) à salvação eterna e uma ferrenha apologia da *Sittlichkeit* (moralidade). E isso tudo sob recusa da racionalização, ortodoxia protestante e, no mínimo, suspeição, senão franca hostilidade, em relação às autoridades constituídas, sejam eclesiásticas ou seculares. O sujeito oculto dessas tradições prevê a irrupção do ‘gênio’ romântico, como aquele especialmente dotado pela própria natureza ao aprofundamento em seus mistérios mais absconsos, e que traga à luz, a verdade, que, ao iluminá-lo, iluminaria todas(os) as(os) seguidoras(es) com a mais perfeita sabedoria divina (neste caso, o próprio conceito de deus passa por um revestimento filosófico-natural: deus é idêntico à própria sabedoria natural).<sup>16</sup>

Em relação à época do *Geist der Zeit* ainda, o autor apresenta alguns testemunhos contemporâneos dos fatos, que descrevem a natureza do referido processo dos Mucker de Königsberg: o primeiro, avaliado pelo autor como “*eine anonyme, wertlose Schrift*” (um escrito anônimo, sem qualquer valor), publicado em Leipzig em 1837, sob o título “*Der Mucker in der Einsamkeit*” (O Mucker em sua solitude) seria basicamente constituído de “*Mucker-Aphorismen, d. h. vor allem Zitate aus pietistischen Schriften*” (aforismos dos Mucker, diga-se sobretudo, citações de brochuras pietistas – Daffner, 1923, p. 151). Outro, que consta de uma obra “*etwas einseitig gefärbt*” (matizada um tanto unilateralmente), tem por autor Ernst Graf Kanitz, e foi publicado em Basel em 1862. Além desses, se tornara conhecida a obra de Dixon, *Spiritual wives* (esposas espirituais), Londres, 1886, cuja versão em alemão fora chamada “*Seelenbräuter*” (noivas d’alma). Além disso, já mais recentemente, Stoll (1904), Birnbau (1920) e Kretschmer (Daffner, 1923, p. 152) teriam abordado o fato cientificamente, sem, porém, acrescer nada de novo aos “processos reais”, já que se fundamentassem nas fontes supramencionadas, todavia desacreditadas pelo autor em discussão (Daffner, 1923). Já a obra de Sachs, professor respeitado junto à Universidade Königsberg, “*Tun und Treiben der Mucker*” (fazer e quefazer dos Mucker), apensada à obra de Dixon, se destacaria “pelo seu olhar arguto, psicologicamente incomum, extraordinário talento de observação e juízo sábio” (esse próprio autor participara do círculo Mucker, distanciando-se dele mais tarde, a partir de 1824).

Já uma “apresentação séria dos acontecimentos, indiscutível do ponto de vista científico”, segundo o autor, somente tornar-se-ia possível após a quebra do sigilo dos dados nos anos 90 do século passado (XIX – NT): “[doravante tornara-se possível debruçar-se sobre o material, à luz das constatações jurídicas, no intuito de distinguir entre verdade e falácia, fático e apensado fantasiosamente, para apresentar ao público, uma descrição do famoso e temido

<sup>16</sup> Cabe aqui já uma antecipação do ideário Mucker do além-mar: “Para João Daniel Noé e os de sua corrente Jacobina não era a ‘encarnação de Cristo’, mas mero instrumento, inconsciente e inocente, através de cujo espírito, uma ‘Divindade Natural’ se manifestava; tolice, para os dessa crença, o que indivíduos levianos apregoavam sobre o ‘Cristo Feminino’, em prejuízo da reputação dela e da ‘causa.’ Estes, por sua vez, consideravam sarcasticamente as protagonistas da virada pietista da orientação do movimento como “*fromme Bibelschlucker*” (devoradores piedosos da Bíblia – Domingues, 1977, p. 133).

processo.” Neste sentido, quem pela primeira vez publicasse uma descrição do processo, com base no material integral dos autos, fora o Pastor (luterano) Paul Konschel (*Der Königsberger Religionsprozeß gegen Ebel und Diestel*, 1909). Este pastor, embora projetasse “uma luz tanto quanto possível suave sobre os coirmãos de ofício” teria “elaborado diligentemente o material em sua íntegra”, e dessarte dele extraído, “o que acontecera verdadeira e essencialmente” (os autos se encontram no *Staatsarchiv zu Königsberg*), de sorte que se demonstre confiável sem maiores ressalvas. Consta que

[o] ideário do círculo Mucker de Königsberg<sup>17</sup> partisse do teósofo Johann Heinrich Schönherr, nascido em 1770, filho de um suboficial de Memel. Schönherr nunca estudara nada verdadeiramente. Malasartes, ele justamente se vangloriava de nunca haver lido um livro até o fim. “Já cerca de dois anos após a dispensa da escola e ingresso na universidade, minhas dúvidas em relação a uma revelação divina se avolumaram tanto que eu próprio encontrei razões para defendê-las”. (Daffner, 1923, p. 153)<sup>18</sup>.

Dito livre-pensador se matriculara à faculdade de direito e lavrara seu “sistema” (grifo no original) no outono de 1802, descrevendo de próprio punho as seguintes sentenças ilustrativas:

[a] substância dos corpos, a essência do espírito, a ligação entre ambos os caminhos da natureza, são as primeiras verdades que haveria de propor como fundamento à investigação... Somente a uma providência divina, eu devo a graça — pois muitos podem tê-la buscado em vão — de, mediante reiterados passeios à natureza, no verão de 1802, ao contemplar as plantas, haver seguido meus pensamentos, independentemente d’onde emergissem, e ter-me surpreendido com a repercussão da resposta em minha alma: — é a água... A planta, nomeadamente, extrai da água, seu crescimento: — O quê, inquiriria eu, pressionaria a água ao interior do broto tenro da planta...? Assim, eu perambulava por aí e muitas vezes me deitava solitário sob os bons aromas das plantas, entregando-me aos meus solilóquios... Seu odor, envolto pela névoa, certa manhã, me parecera ainda mais fresco que de costume, e me suscitou a seguinte conjectura: eu me perguntara, com efeito, o que faria com que esse odor dimanasse delas? Meu olhar se elevou ao Sol. E a resposta foi: — ‘somente calor, fogo, luz e o raio de sol!’ O calor é liberado pelo fogo ou pela luz; logo, a luz deve ser o princípio constitutivo da criação. Quanto mais eu pesquisasse, tanto, mais isso haveria de se confirmar. Uma substância para os corpos, aquele algo para o espírito, fora encontrado. (Daffner, 1923, p. 153).

Esse dado é deveras crucial porque revela o pano de fundo pan-teosófico do círculo Mucker de Königsberg, eventualmente emigrado a reboque à colônia do Pai Eterno: trata-se, sem dúvida, de uma concepção atávica, grosso modo, depreciada como pagã, anterior à cristianização, mas reavivada pelo Romantismo: o retorno à natureza! Só não mais àquela

<sup>17</sup> Aqui o autor apõe uma nota de esclarecimento importante: “Mucker provém do germânico *muk* (agir em segredo), algo como, piedoso sorrateiro: adjetivo primeiramente empregado para os seguidores do teólogo de Gena (Jena) Budderus (1663-1729); posteriormente sobretudo aplicado aos adeptos da seita aqui em questão” (Daffner, 1923, p. 153, nota 2). Logo, um pejorativo que já se firmara na tradição popular àquela época.

<sup>18</sup> Aqui decerto já ressoa a tese de que diante do Iluminismo a religião só possa reagir sob apologética e polêmica (Schleiermacher, 1799/1806/1821).

estritamente mimético-panteísta da era áurea pan-helênica da Antiguidade Clássica; mas “enteísta”, como o romântico tardio (contemporâneo aos fatos) Carl Gustav Carus (2021) preferisse chamá-la. Ou seja, dito d’outro modo e simplificadamente: deus é a própria natureza, ou vice-versa, a natureza é deus! Isso coaduna perfeitamente com os “Apontamentos” de Miguel Noé (a partir do que lhe fora legado pelo seu pai, Jacob Daniel Noé, em 1874), de 1930, sobre a base teosófica do círculo Mucker (note-se que essa era uma das bases; a outra, quiçá principal, certamente deve-se ao Pietismo de Herrnhut e à respectiva formação de “conventículos” – Dreher, 2013). Todavia, nem uma, nem outra é necessariamente incompatível às confissões Luterana, Reformada ou Católico-Romana, ainda que ambas impliquem forte rejeição ao dogmatismo e clericalismo. Logo, sob essa tradição seria mais adequado falar-se de um conceito de deus *supernatural* (ou *sub specie natura naturans*) e não *sobrenatural*, no clássico sentido metafísico do termo. Este, por sua vez, seria recristianizado sob a paleta multicolorida de pietistas oriundas(os) da Prússia, Saxônia, Turíngia, Suábia, Sarre, Hesse, Renânia-Palatinado... Daí depreende-se também o cultivo e o apreço das plantas medicinais, cujos princípios ativos já fossem conhecidos ao menos desde Hildegard von Bingen (a mãe da homeopatia) – que, por sinal, vivia nessa última região citada, d’onde emigrassem muitos dos demais Mucker à Província de São Pedro.

Um ano após esta descoberta, Schönherr regressaria de Rinteln a Königsberg, passando por Leipzig, onde fora internado como doente mental (*Geisteskranken*), em razão de seu comportamento público demasiado excêntrico aos costumes locais. Não obstante, este agregaria em torno de si um círculo, ora maior, ora menor, de asseclas. Um desses ‘discípulos’, atraído por seu carisma, descreve o livre-pensador como segue:

seu aspecto exterior me impressionava, pois usava barba, cabelo e bigode não aparados, o que fazia supostamente em vista de sua saúde, já que cortá-los lhe provocasse certo desconforto. Ainda mais me surpreendia sua fala, que me era totalmente nova, pois ele falava de deus de tal modo que sua luz concentrasse todas as propriedades que haveríamos de atribuir-lhe... Eu pedi permissão para participar das reuniões dominicais... Não formávamos uma sociedade formal, não ocorria nenhuma recepção formal, nem indumentária especial ou coisas que tais. Também não havia nenhuma contribuição. Quem tinha algo à disposição, compartilhava-o; mas eu não sei se era destinado ao próprio Schönherr ou também para outros. Ademais, Schönherr recebia apoio de fora do círculo. Eu só não saberia precisar de quem. Nós nos reuníamos cordialmente e nos tratávamos por tu.<sup>19</sup> À medida que nos conhecíamos mais de perto isso se estendia também ao tratamento entre os sexos... Iguamente, às vezes, nos tratávamos pelo prenome. Além disso, ainda preciso observar que nos encontros havia leite e pão para quem estivesse com fome. Acerca de estranhos, que hajam acatado o ensinamento de Schönherr, somente tomei conhecimento do Pastor Ebel de Hermsdorf (entre Gena e Gera), além de sua mãe e de seus irmãos... (Daffner, 1923, p. 154).

Segundo outros depoimentos que constam dos autos, aos domingos e feriados participavam também as esposas e noivas dos homens que integravam o círculo de Schönherr.

<sup>19</sup> Note-se que no alemão por via-de-regra usa-se no tratamento interpessoal a terceira pessoa do singular (Sie) e o *Du* (2ª pessoa do singular) somente é usado quando a(o) interpelado consinta expressamente seu uso, justamente por remeter a uma relação muito próxima, quiçá, íntima.

Neste contexto chama a atenção uma informação, que certamente desencadeou uma comoção pública, já indignada com a suposta devassidão moral do círculo e que revela nítido paralelo aos boatos sobre os Mucker do Ferrabrás: “volta e meia, a bem dizer, também vinha alguma dama desconhecida, por pura curiosidade. Assim, p. ex., certa feita apareceu na reunião, a filha de um arcebispo de Borowski (hoje território russo – NT), já falecido, *em trajes masculinos* (grifo nosso)”.

Outro contemporâneo acrescenta mais um detalhe relevante: “[e]u nunca o consultei (Schönherr – NT) acerca da autocompreensão de sua vocação; eu só pude deduzir a partir de insinuações que ele se considerasse o próprio paracleto (em nota o autor explica que se trata do Espírito Santo – NT)”. Neste contexto, Schönherr assumia, cada vez mais em seu círculo, o status de “autoridade incondicional”, e sua “descoberta” crescera a ponto de tornar-se um “sistema”, onde “a esperança sobre a vinda de um novo Messias ocupasse uma posição central”. Ainda outra testemunha exarara no processo que:

Schönherr era de opinião de que ‘tal ser da Revelação (o livro bíblico do Apocalipse — NT) somente poderia nascer por intermédio de um homem e de uma mulher que tivessem reconhecido completamente a verdade — sob à qual naturalmente entendesse seu sistema – mediante plena conjunção corporal; tal mulher compreenderia a suprema formação no reconhecimento da verdade e deteria a mais excelsa inocência e pureza virginal. Considerava a si próprio este homem, e sua esposa, a mulher, que, enquanto virgem, seria e poderia ser educada para tal propósito. (Daffner, 1923, p. 154).

Da parte de outra testemunha provém a seguinte informação: “na igreja de Schönwalde, diante do altar do templo solitário, certa feita, ele (Schönherr – NT) ameaçara o pastor, que era maçom, com o juízo divino, caso este não compartilhasse publicamente com seus irmãos e fiéis, a abertura de sua loja e seus respectivos segredos.”<sup>20</sup>

As autoridades constituídas de Königsberg, já em 1806, tomaram nota desfavorável à “manutenção do conventículo de Schönherr, haja vista que este supostamente ensejasse discórdias entre as famílias”. Diante disso,

notificaram Schönherr e proibiram seus seguidores de proclamar homilias e administrar o ensino religioso. Isso, não obstante, só fizera com que aumentasse a petulância da crença na infalibilidade do interpelado. Ele já não mais admitia qualquer contestação, nem opinião divergente. Em tais casos, ele imediatamente se remetia ao Espírito Santo e explicava que seus detratores falariam sob ‘espírito equivocado’. Dessarte, também paulatinamente começam a ocorrer conflitos dentro do próprio círculo de Schönherr, a valer, na discussão acerca do meio de consumação que poderia dar fim a toda discórdia. (Daffner, 1923, p. 154).

---

<sup>20</sup> É interessante que na mesma linha um dos principais desafetos dos Mucker do Ferrabrás, a depreender-se de seus comentários hostis na imprensa da época fosse Carlos von Koseritz, ele próprio, assumidamente Maçom. Significaria dizer que ambas as cosmovisões se reconhecessem como concorrentes? E será que isso também explicaria a desconfiança do movimento Mucker do Ferrabrás em relação ao personagem Klein, que supostamente seria mórmon? (Domingues, 1977, p. 401).

Outro apontamento adquire relevo no ensino de Schönherr: “[a]mbos os sexos deveriam despir-se até a camisa e flagelar-se mutuamente com chibatadas na altura do quadril (...) até a dor ardente (...) e o derramamento de sangue (Hb 12.4)”. Somam-se algumas regras de conduta moral, assaz reveladoras: “1. Ninguém deve atropelar o outro aos gritos; 2. Ninguém deve tachar o outro de mentiroso; 3. Cada qual precisa aceitar a admoestação e admitir sua prática injusta; 4. Se alguém afirmar que está no Espírito correto dever-se-á conceder-lhe o devido crédito.”. Decerto, a ruptura seria só uma questão de tempo. Um detalhe também não pode passar despercebido: também ele (Schönherr tinha planos para a construção de um moinho d’água tal qual também sucedera no Ferrabrás), que não veio a concretizar-se. Ao cabo, Schönherr morreria “totalmente abandonado”, em 1826.

Já o segundo protagonista do processo, Ebel, era neto de um pastor deposto de sua função por “heresia” e filho de um pastor de Passenheim (hoje Pasym, Polônia). Nasceu em 1784 e também estudara Teologia, não obstante a contrariedade de seu pai, que achasse sua escrupulosidade científica demasiao ‘frouxa’. Tanto quanto a personagem anterior, parece nunca haver chegado a assimilar quaisquer conhecimentos básicos, pois não dominava o grego, nem o hebraico (por suposto, nem o latim). Ao aproximar-se de Schönherr em Königsberg escreveu o seguinte:

Foi no décimo oitavo ano de minha vida que um amigo de minha casa paterna, certa feita, me contara que conhecera um homem capaz de coadunar harmônica, convincente e literalmente todo o conteúdo das expressões bíblicas às evidências racionais, e defendê-las inexpugnavelmente contra seus detratores. Como uma luz vinda do céu, essa mensagem brilhava com inefável encanto em meu coração e uma inominável alegria se apoderou de todo o meu ser. Todas as dúvidas de meu imo pareciam haver se dissipado; toda a treva, com ela, dispersada e neste instante eu tive um sentimento antecipado do preenchimento de meu anelo mais profundo. Como crescera desde a minha infância sob o temor diante ao livro da Bíblia, nomeadamente todas as minhas ambiguidades e contradições a seu respeito, que àquela época chegassem ao meu ouvido, da parte de professores e colegas de aula, oprimiam meu coração sob dura cerviz, inquieto e receosamente embaraçado, ao passo que tentasse espantá-las apologeticamente, muitas vezes, mediante amargas lágrimas, depois de batalhas vãs com inimigos que se imiscuíram sorrateiramente nos recônditos de meu quarto de sótão, para acusar-me diante de Deus de não poder salvar a Palavra da pregação divina perante sua difamação, nem saber justificá-la diante das teses dos racionalistas. (Daffner, 1923, p. 155).

Um superintendente, por ocasião da interpelação de Schönherr pelas autoridades, registra sobre Ebel o seguinte:

Em seu afã por conhecimentos, e haja vista sua sucessibilidade, sua força de imaginação se tornou extremamente vívida, ardorosa e alimentada ativamente, sob cujos conteúdos tanto mais encontrasse prazer quanto menos esses correspondessem às leis da razão. Mediante esta ardorosa força da imaginação, em pouco tempo, ele caíra nas mãos de Schönherr, com o qual não só se enxameasse (*berumschwärmt*) acintosamente por aí, na medida do possível, como também comungasse de sua irracionalidade, à qual fora atraído sem mesmo dar-se conta. (Daffner, 1923, p. 156).

Entrementes, Ebel se tornara pastor em Hermsdorf, assumindo em seguida, a função de diácono a Königsberg, onde, em virtude de seu carisma e personalidade exercesse forte atração especialmente sobre o público feminino. Logo se formara uma escolta ao seu entorno, o quê, por sua vez, preocupasse as autoridades eclesiásticas, que dele exigiram em 1812, uma explicação sobre suas palestras acerca da religião. Após várias intimações por escrito, em função de “suas ideias místicas incompreensíveis”, ele finalmente respondera laconicamente, após dois anos de espera. Seu movimento, a despeito disso, crescera e agregara em seu séquito, famílias de destaque por sua descendência, riqueza e posição social. Entre os mais fiéis seguidores contavam o Conde de Kanitz e, especialmente, a Condessa Ida de Groeben, que o seguiram até às últimas consequências. Esta última se destacaria e reforçaria a arrogância de Ebel, mediante “incontrolado fanatismo, limitada presença de juízo crítico e unilateralidade na compreensão do que seria de direito”.

Era evidente que a desavença e o cisma em relação ao conventículo de Schönherr fosse favorável a Ebel. Ele criara em torno de si seu próprio círculo de adeptos fiéis, que tinham em comum “a busca pelo Reino de Deus e da sua justiça”, o que os estreitava espiritualmente a si e entre si. Uns e outros eram “despertados à vida cristã” e não faltavam alusões em suas falas sobre o estar de “posse de uma sabedoria especial e superior”. Cada pecado deveria ser confessado publicamente diante da congregação. Uma dessas seguidoras, Fanny Lewald, em sua autobiografia, *Meine Lebensgeschichte* (Minha história de vida), de 1861, descreve Ebel como segue:

[e]le era um homem bastante esguio, esbelto, com um rosto deveras nobre e sério. Seus grandes olhos escuros, sua cor pálida e seu cabelo preto e brilhante, que trazia repartido ao meio e mais longo do que de costume, conferiam-lhe uma expressão especial. Tinha mãos delgadas e quando as entrelaçava e seus olhos se elevavam em oração, realmente parecia um apóstolo. Sua voz era comovente e sua pregação, de grande poder. (Daffner, 1923, p. 156s).

Um detalhe, que não chega a surpreender, mas é importante mencionar-se, porque sempre se busque por um laudo médico que fundamente um ato jurídico — diga-se de passagem, muitas vezes em desfavor do acusado — consta do seguinte: “um médico apresentara, conforme registrado nos autos, seu diagnóstico de que Ebel sofreria sob hipocondria nervosa e hemorroidas”. Outro aderente dissera lapidarmente que “cada um seria capaz de distinguir à primeira vista um Mucker ou Muckerin de qualquer outro homem ou mulher”, porque

[n]ão seriam só os vestidos longos e os fraques *démodé*, os lenços de pescoço brancos dos homens, dignos de um candidato político; nem só os cabelos repartidos ao meio e a zelosa discrição do vestuário feminino; mas, na verdade, era uma fisionomia e atitude bem-peculiar, comum a todas(os), que os(as) caracterizasse. Seu olhar sequer parecia ver as coisas deste mundo, caso essas não lhes pertencessem; eles(as) podiam mover-se em meio às massas como se essas sequer existissem; eles(as) podiam estar sentados(as) em presença de uma companhia, à cujo círculo não pertencessem, como se não a vissem ou ouvissem e, ao seu invés, escutassem vozes do céu, as quais, aos ouvidos das(os) demais, não existissem. Ao deparar-se com uma personalidade deste tipo em algum meio que lhes fosse estranho, esta causava uma impressão um tanto quanto desconcertante. (Daffner, 1923, p. 157).

E agora chega-se ao ápice do comportamento inerente dessa espécie de dinâmica de grupo, que ademais caracterize tipicamente todas às demais deste corte:

[q]uanto mais o círculo em torno de Ebel se estreitasse sob comunhão entre as(os) iguais, e este se isolasse altivamente do mundo exterior, tanto mais crescia, por um lado, o endeusamento do próprio Ebel, pelos seus adeptos e, por outro, a repulsa aos demais religiosos de Königsberg, respectivamente, contrário senso, o ódio da população em geral contra o mesmo. Tal como sucedera com Schönherr, também tanto menos deixavam de aflorar proporcionalmente profundas desavenças familiares; logo, paulatinamente também vinham à luz certos amuos e discórdias no interior da seita em torno de Ebel. (Daffner, 1923, p. 157).

Ato contínuo, novamente chamou a atenção do ministério público de Königsberg, o comportamento dos respectivos membros, fazendo com que este se pronunciasse diretamente ao referido consórcio sobre a “loucura de uma relação direta com Deus ou respectiva crença acerca de uma eleição privilegiada e, com isso, intolerância, juízo desamoroso e julgamento segregacionista, bem como, petulância espiritual, soberba e autossuficiência e, não por último, desvio separatista.” Outra testemunha acrescera posteriormente:

Ebel sabia como provocar, mediante o constante atrelamento à sua pessoa, o isolamento total de cada um individualmente de sua relação com as(os) demais membras(os)... A consciência moral era amedrontada e torturada terrivelmente justamente na medida em que as ações, às quais os membros se sentissem coagidos a seguir, fossem apresentadas como criminosas frente àquelas que deveriam ser reconhecidas e assimiladas como oriundas da voz de Deus... Cada vez mais se inflamava em nós uma luz mais diáfana sobre a equivocada ambição hierarquizante de Ebel, a partir de suas falsas teorias salvíficas e de purificação sexual. (Daffner, 1923, p. 157).

Destarte, seu conventículo se desintegrara em dois, também marcados por animosidade entre seus respectivos membros, que se distenderam também sob disputas no âmbito literário. Neste contexto, Ebel escrevera, de próprio punho, um texto intitulado “A pregação apostólica é atual” (Hamburgo, 1835), onde se lê:

Desde então as coisas mudaram: Deus falara do alto dos céus por meio de sinais e milagres. A humanidade sentiu sua mão, percebeu o estrondo de seus passos; que esta mesma também preste atenção acurada à sua voz e a aceite em seu coração... Infelizmente o tempo certo ainda não chegou... (Daffner, 1923, p. 157).

Um resumo geral, um tanto irônico, nos fora legado por certo Conde de F., ao escrever:

[o] antigo inimigo atroz nos tentou, mediante a igualmente atávica artimanha da serpente, no final do século passado (XIX — NT), através de um homem assaz talentoso, J. Schönherr, que propunha a sustentação das verdades eternas da Escritura Sagrada sobre o alicerce demasiado débil e frágil da razão humano-matemática. Por isso ele chegou a imaginar que o Deus eterno haveria de ter sido uma bola de fogo que pairara por aí no imane espaço vazio, a qual, no decorrer dos tempos, tivesse se deparado com uma bola d’água idêntica,

“Tu também és um Mucker!” “Esqueceram seu próprio nome”?

na qual penetrasse e, mediante a mistura de ambas as forças, haja sido criado o mundo... Através dessa fantasia, ele próprio se instruíra, bem como, aos seus discípulos, dentre os quais o mais ativo fora Ebel, e com os quais partilhasse concomitantemente a loucura de que, em função de haverem encontrado sob tal reconhecimento da verdade, a chave que levaria à verdade toda e dessarte hajam sido agraciados, diante de todas as demais pessoas, com o grau mais supimpa da humanidade. Eles seriam os portadores da luz e, através deles, só então, todas as demais pessoas seriam agraciadas. Do reconhecimento de Schönherr, mais adiante, se deduzira que a tarefa de fato para nós cristãos haveria de ser a de introduzir aqui um Reino de Deus, em meio à lassidão terrena, e que isso somente seria possível, na medida em que concorrêssemos para que esse segundo ser primordial chegasse à consciência e, mediante isso, seja subjugado voluntariamente ao primeiro ser primordial, diga-se, Deus. (Daffner, 1923, p. 158).

Outro membro, Diestel, que tomara ciência do escrito, retrucara ao autor supracitado, cobrindo-o de ofensas pessoais, diante das quais, o referido Conde, registrasse um boletim de ocorrência policial. Ebel, por sua vez, quando intimado, negara-se a depor. Diante disso, fora aberto um processo contra ambos, Ebel e seu discípulo Diestel. Reinava um clima de repúdio contra os acusados. Corriam à solta boatos de que haveria querelas entre os sexos dentro do conventículo, de sorte que “policiais fossem enviados à igreja para conter os distúrbios”. Dessarte, também teve início uma campanha difamatória na imprensa, que se avolumou à condição de escândalo público sem precedentes. Tippelskirch resume o quadro, conforme segue:

[s]ó à época de Pentecostes de 1822 é que Ebel conseguiu entusiasmar as pessoas a tal ponto (...) que elas próprias se vissem a si mesmas e entre si como eleitas, e isso, por intermédio dos seus eleitos, e se autocompreendessem sob franco antagonismo ao seu próprio modo de ser aí de até então, e sob a consciência de sua alienação em relação a todas as demais pessoas... Eu me recorde de pessoas que se aliaram a Ebel (...) e o encararam como mediador através do qual Deus atraísse para si, as demais almas.

Que Ebel alguma vez se autoproclamasse como cabeça de uma seita, me é totalmente desconhecido (...); em contrapartida, que ele se visse como o centro principal do círculo, já desde o sistema de Schönherr, enquanto representante do ser primordial da luz, e ponto de origem do Espírito de Deus ao círculo e, por meio de si, à humanidade, isso é fato. (Daffner, 1923, p. 158).

Diante das objeções, Ebel respondia: “[s]e tu ainda não estás convencido de que a partir de mim a pura luz, sem misturas, vem ao teu encontro, então evidentemente não há nada mais que possa discutir contigo.” Afora isso, da mesma fonte provém a informação de “que Ebel aderira à contagem histórica apocalíptica de Bengel, que definira o ano de 1836 como a data do início do reino milenar de Cristo sobre a Terra, e era de meu conhecimento que Ebel contaria este ano como a última data para a volta de Cristo” (...) “Ele e seus membros mais conscientes, todavia, ainda aguardariam outros grandes eventos preparatórios deste tempo, como p. ex., a revelação do Anticristo (...), o derramamento do Espírito Santo sob rica e plena medida e fosse típico aos esforços do círculo em torno de Ebel, o preparo adequado a tais eventos.” “Quem levantasse a mínima crítica contra Ebel, logo era tido como alguém que não fizesse parte do grupo e se opusesse ao Reino de Deus.” Os dissidentes eram os mais ameaçados e perseguidos como apóstatas. Este encapsulamento do círculo contra quaisquer desvios se tornava cada vez

mais estreito, que, certa feita, a já mencionada Condessa confessasse diante da comunidade: “eu não consigo afastar de mim a ideia de que eu mesma seja o Anticristo prestes a vir”. (Daffner, 1923, p. 159)

É interessante observar também que no entorno do conventículo de Ebel surgissem denúncias acerca de sua conduta sexual, não obstante sua rigorosa moral de “purificação das relações sexuais”. Em uma carta apensada aos autos relata-se que Ebel mantivera “relações íntimas com três mulheres de seu círculo”. Naturalmente se criara uma comoção pública em torno do assunto, que, por sua vez, fosse retroalimentada pela imprensa sensacionalista (já então bem atuante), a qual inclusive publicara que, “para demonstrar o autocontrole diante da visão de partes nuas do corpo humano, o próprio Ebel soesse mostrar suas partes íntimas.”

Cabe ainda salientar que ambos os acusados apelaram ao direito à livre expressão e associação diante do que considerassem uma injustiça arbitrária do poder público. Uma fala de Ebel descreve bem sua própria compreensão, que o levava inclusive a recusar-se a apresentar-se à justiça, ao ser intimado:

[p]orquanto viva um Deus no céu, reine o zelo jurídico civilizado e prussiano, e os olhos de Frederico Guilherme III continuarem abertos, manifestar-se-á como um ato de violência, ser inquerido acerca de convicções filosóficas privadas. Com a máxima vênua ao inquiridor, haver-se-á de considerá-lo como incompetente à discussão de assuntos científico-religiosos. (Daffner, 1923, p. 160).

A valer, diante de ambos os casos, seja de Schönherr ou de seu discípulo autárquico Ebel, fora instalado um processo criminal por ordem do rei (Friedrich Wilhelm III) à primeira vara da instância judiciária de Berlim que promulgara a seguinte sentença:

[c]om efeito imediato ambos os acusados deverão ser suspensos de seus cargos por infração dolosa de suas funções e declarados inaptos ao exercício de qualquer função pública, e que, além disso, o diácono Ebel deverá ser internado em manicômio público por formação de seita e não ser solto sem que antes haja se formado uma convicção acerca da melhora de seu quadro. (Daffner, 1923, p. 160).

Por conseguinte, o protesto dos acólitos só poderia, mais uma vez, testemunhar a experiência histórica de perseguição dos cristãos pelos potentados constituídos, que raramente agissem segundo a *dura lex*. Mesmo o apelo à segunda instância, ainda assim, não obtivera sucesso, sendo mantida a suspensão dos acusados do exercício de seus cargos e funções.

Daffner conclui que no caso dos Mucker de Königsberg se apresenta perfeitamente constituído o tipo “formação de seita”, com tudo o que dele faça parte:

[n]ós podemos constatar que nas mentes da seita e em vários de seus membros, além de uma pré-disposição religiosa inata a um estado patológico generalizado, enquanto pré-requisito à origem e constatação das ideias individualmente, encontramos plenamente entranhadas essas ideias delirantes, mediante todos os seus componentes, especialmente característicos à degeneração religiosa em geral. Sem maiores dificuldades, podemos

“Tu também és um Mucker!” “Esqueceram seu próprio nome”?

constatar em seus líderes a pré-história desses delírios, sua estreita relação ao complexo do ego, seu caráter primitivo, sua forte tonalidade afetiva, bem como, a respectiva debilidade mental. O sectarismo se apresenta para nós através deste movimento mediante toda a sua extensão, e isso não só em um, como em vários casos. A passo e a galope, deparamo-nos com a infecção psíquica. Até mesmo o forte impacto sexual, quase sempre intenso e amplamente bem presente nos delírios religiosos, não ficou de fora. Dessarte podemos, com boas razões e a valer, evocar a seita dos Mucker de Königsberg como um exemplo de manual adequado para este tipo de formação. (Daffner, 1923, p. 161).

Por fim, o autor somente detalha seu laudo (a distância) registrado acima. Concisamente tratar-se-ia, pois, de um estado paranoide que, enquanto tal fosse altamente contagioso para pessoas que já carregam dentro de si uma propensão nesse sentido, e que poderia desencadear um surto psicótico coletivo: “evidentemente, para soçobrar completamente sob essa forte infecção psíquica, além da disposição religiosa, sobretudo haveria de fazer parte, uma disposição degenerativa importante na vida anímica de seus indivíduos. Todavia, o fato de que alguns membros desertassem do círculo corroboraria o fato de que, não obstante toda a pressão psíquica, alguns(mas) integrantes hajam preservado sua saúde psíquica e formado um juízo correto acerca das maquinações dos respectivos líderes sectários. Entre outros, um exemplo nessa direção poderia ser depreendido das palavras do juiz do caso, em seu relatório à comarca: “tudo o que eu (...) afirmei é que a personalidade de Ebel era capaz de comprometer meu juízo sã e a fazer-me jurar sob *verba magistri*, ao invés dos preceitos claros e sóbrios do Cristianismo, aqueles que devamos ao Pietismo e ao Misticismo desde o século XV”. (Daffner, 1923, p. 166).

### 3. Um olhar diacrônico sobre ambos os movimentos Mucker

São surpreendentes, os paralelos entre as histórias Mucker de Königsberg e do Ferrabrás. Esta última, já escrutinada sob muitos ângulos, não requer aqui qualquer releitura, seja para acrescentar, ratificar ou contradizer, este ou aquele aspecto, com algum dado novo relevante, àquilo que já fora fartamente apresentado, não obstante os flagrantes conflitos entre às narrativas sobre os fatos e suas respectivas interpretações unilaterais, quiçá distorcidas.<sup>21</sup> A primeira história nós descrevemos aqui detalhadamente com base no artigo de Daffner de 2023, que certamente também apresenta uma descrição enviesada (isto é, sob determinado viés — e como não poderia deixar de fazê-lo?) dos fatos historicamente documentados nos respectivos autos dos processos.

Esses paralelos poderiam ser sintetizados sob alguns elementos, não necessariamente sob a ordem, nem hierarquia, aqui seguida: a) o psicológico: a existência de uma personalidade forte, capaz de cativar e agregar outras pessoas em torno de si, para qualquer que seja, a finalidade. Além do carisma natural, da capacidade de liderança inata, ela também se destaca variavelmente pelos seus elementos idiossincráticos: Schönherr chama a atenção pelo seu visual e indumentária, que mais remetem a um ermitão ou a um clássico filósofo grego, resguardadas as devidas proporções; Ebel, por sua vez, se porta como um Don Juan, um Dorian Gray, quiçá, Narciso. Já Maurer, o clássico bardo errante, com seus respectivos elixires, que fizessem correr

<sup>21</sup> Para uma visão geral da bibliografia confira Schultz, 2003.

o boato de que se tratasse de um *Wunderdoktor* (taumaturgo), digno de uma novela de Noah Gordon.<sup>22</sup> E Jacobina? Uma náiade, eco, deusa da natureza, elfa, fada, sibila, sereia, milagre da criação... Trata-se de personagens históricos que, todavia, encarnam motivos mitológicos atemporais e universais. E, sob outro dado significativo, apresentam certa antinomia entre sua debilidade física e respectiva fortaleza espiritual, que não chega a ser uma surpresa entre pessoas psiquicamente atípicas.

b) o social: a existência de um sem número de pessoas à margem da sociedade, que clamam à ouvidoria das autoridades e dos céus. Não há como ignorar que, do ponto de vista da sociedade e da cultura, as histórias sincrônicas dos Mucker de lá e de cá tenham em comum, por um lado, a opressão, rejeição, ridicularização, marginalização, afronta, discriminação, zombaria, chicana, etc., fartamente documentada, inclusive nos autos processuais. Ao que corresponde, por outro, seu paulatino ensimesmamento, encapsulamento, ladeado por uma crescente altivez, senão arrogância, no que concirna tudo aquilo que a respectiva sociedade e cultura que os despreze considere como padrão aceitável e normal. Forma-se um ciclo vicioso que promove uma diástase crescente entre a cultura dominante e a subcultura emergente, que certamente cedo ou tarde haverá de chegar a um ponto de cisura e choque violento. Uma vez armado o cão, mesmo por inércia, mas sobretudo por arbítrio, este haverá de disparar e ensejar o confronto direto, seja deste ou daquele lado. Constitui-se uma “espiral da violência” (em memória a Dom Hélder Câmara).

c) o filosófico: a formulação de uma *Weltanschauung* (cosmovisão, ideologia) que faça sentido de modo geral para muitas pessoas e lhes afaça sentido à existência. As especulações filosóficas de Schönherr, adotadas por Ebel e seus asseclas, apesar de parecerem um tanto ‘infantis’ sob um olhar diacrônico e anacrônico, um século e meio depois, sincronicamente fazem coro à filosofia natural da época, cuja expressão máxima se encontre no Romantismo Alemão. Só para ilustrar, ouçamos uma passagem de Novalis:

Eu acreditaria estar louco, não visse nem pensasse tão clara e nitidamente; desde então, tudo me parecia mais conhecido. Eu ouvira falar de épocas remotas em que os animais e as árvores e as rochas conversassem com os seres humanos. Eu agora me sinto como se elas, a qualquer momento, recomeçassem a fazê-lo, e antevisse neles, o que quisessem compartilhar comigo. Haverá de ter ainda muitas palavras que ignoro; quanto mais delas conhecesse tanto melhor haveria de compreender melhor tudo isso. (Novalis, 2016, p. 3).

O reencanto com a natureza deve haver passado por um processo de reavivamento interior diante de sua manipulação mecanicista, empreendida pela emergente ciência e técnica por um lado e, por outro, pela descoberta de que suas leis mais profundas sejam cristalinas, simples e belas. Saber perscrutá-las seria um dom que a própria natureza reserva a poucas(os).

---

<sup>22</sup> Ainda que sobre este recaísse a suspeita de ser um “charlatão”, pois, na verdade, quem realmente detivesse o conhecimento sobre o poder de cura das plantas fosse a própria Jacobina: “Os ‘Apontamentos’ – escritos em cerca de 1930 – apresentam o curandeirismo de Maurer sob um novo aspecto: ele não seria um mero preparador de mezinhas, como era bastante comum naquela época, e mesmo nos dias presentes. Uma entidade superior, que Noé chama de ‘Divindade Natural’, diagnosticava as doenças e prescrevia o tratamento. Isso era feito através do “Espírito Divino da Natureza”, que convocava o espírito de Jacobina, fazia-o abandonar o corpo, e então lhe ministrava ‘esclarecimentos’, que, após a reincorporação do espírito, Jacobina inconscientemente externasse ao marido.” (Domingues, 1977, p. 72).

Quem apreende sua linguagem, consegue conversar com a própria *Pachamama*, para então revelar aos demais, seus segredos e mistérios ocultos. Tanto mais esse não haverá de ter sido o caso desses imigrantes, na medida em que esses, provindos de uma natureza já em si escassa em fauna e flora e sacrificada por milênios de exploração agrícola, de repente se deparassem com outra, sob todo o seu esplendor, mas também, horror... Só se sobrevive nela a duras penas, mas, em compensação e alento, ouve-se o chilrear dos pássaros e o mugido dos bugios. Em todo o caso, a canseira e o enfado destes duros trabalhadores na labuta pela sobrevivência, haverá de ter suscitado neles, um irresistível de revesti-la espiritualmente, até par ter algum alento e esperança de que tudo não seja em vão.

d) o teológico: o amparo desta cosmovisão filosófica em uma ontologia, quiçá uma metafísica, que promete a salvação. Como NOÉ referira em seus “Apontamentos”, a base ontológica à ciência da natureza lhes era auferida pelo próprio espírito natural, que lhes comunicava seus “esclarecimentos”. Basta a sintonia profunda de alguém vocacionado para tal pela própria natureza, para que este depreenda seu fluxo inerente. Essa, todavia, em si, não é avessa a compreensão salvífica cristã, nem a qualquer outra *doxa* metafísica; muito pelo contrário, ela pode concorrer com o esclarecimento natural, embasando-o em uma cosmogonia que lhe aufira sentido. Dessarte, nada mais natural do que compreender que a vida humana tenha um começo, meio e fim (e, eventualmente, um recomeço), tal qual ocorre à natureza de modo geral, segundo a máxima de Lavoisier de 1798. Logo, viver e morrer é só uma questão de tempo, o que, por extensão, leva à ideia de uma *Vorahnung* (pressentimento) acerca da extinção geral da espécie e, eventualmente, da própria natureza, tal qual essa se nos dá a conhecer. Se agregado o elemento metafísico, mormente o cristão, só restaria a pergunta se algo ou alguém seria preservado? E é aí precisamente que se enceta o problema soteriológico que atinge em cheio os movimentos Mucker de Königsberg e do *ew’ger Vater* (Pai Eterno — lembrando de que se trata de um introito à oração cristã, normalmente acrescido de *im Himmel*, no céu): há eleitas(os)! Isso evidentemente causa conflito. Por outro lado, como poder-se-ia negar teologicamente a correção da interpretação do Sermão do Monte (Mateus 5 – certamente uma das poucas passagens bíblicas que Jacobina soubesse de cor em alemão) se alguém, tomado pelo Espírito Santo, proclame que aos ‘olhos’ de Deus são bem-aventurados os pobres de espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacificadores, os perseguidos. Não é necessária nenhuma formação teológica especial, nem cultura geral, nem ordenação eclesiástica, para saber que este é o epicentro do Evangelho de Cristo sobre o Reino de Deus. E que bálsamo para a alma não haveria de ser esta Palavra aos ouvidos desses trágicos sofredores? Soma-se a isso, a fé na *parousia*, a leitura literal de extratos apocalípticos dos evangelhos e do livro das Revelações, e não por última, a aderência reformada à doutrina da predestinação.

e) o sociopsicológico ou psicossociológico: a criação de uma dinâmica de grupo coesa entre os adeptos de tal cosmovisão ontológica e sua franca necessidade de distinção em relação àquela das demais pessoas, respectivamente, sua radical contestação recíproca. Certamente não é nenhum exagero chegar-se à conclusão de que ambos os Mucker, os prussianos e os são-peterninos, são em sua essência ascetas, sob todos os sentidos: renúncia aos bens materiais, indumentária rústica, abstinência sexual, bem como, abominação de quaisquer vícios, p. ex., álcool e tabagismo... Também certo descompromisso com os valores do capitalismo e certamente uma maior proximidade àquilo que Max Weber cunhara como “ética protestante”, ainda que justamente essa o retroalimentasse pelo acúmulo, e não desperdício, respectivamente,

gasto. Mesmo que não seja propriamente um comunismo, evidentemente era uma espécie de comunitarismo onde todas(os) se beneficiassem mutuamente da mais-valia para o bem-estar geral de todos. Neste sentido, o escambo fora o caminho à autossuficiência e autonomia em relação à economia circum-adjacente. Dessarte, não é de se admirar que os comerciantes ficassem descontentes com esse tipo de *ethos* econômico que mal fizesse girar dinheiro em espécie, a não ser nos casos onde não houvesse alternativa, p. ex., aquisição de ferro, chumbo, munição, armas...

f) o antropológico: o sentimento de desamparo desencadeado pelo transplante desde um meio conhecido a outro, completamente exótico e, portanto, a angústia inerente. A mola-propulsora da discórdia geral, sem dúvida, encontra-se nesse sentimento difuso de medo. De um lado, por perder a conexão espiritual com a herança do velho-mundo e, de outro, a dificuldade, senão impossibilidade, de adaptá-la ao novo. Como à psicologia individual ocorra a “regressão”, à coletiva, diga-se filogenética, é possível que uma das formas de defesa do ego grupal seja a de apegar-se, e com isso recuar no tempo e no espaço, a valores de antanho, já carcomidos pela luta à sobrevivência. Talvez Darwin diria, que os que buscam adaptar-se aos meios escassos, os que mais chance têm de sobreviver, sem, todavia, nem necessariamente, ter que arcar com o ônus da transformação radical, quiçá, passar por uma mutação. Portanto, ambos os movimentos podem ser vistos como “regressivos” e, neste sentido, fadados a serem esmagados pela marcha inexorável sempre a frente da história, seja nessa ou noutra direção. Este, sem dúvida, foi, e talvez continue sendo, um dos grandes desafios dos imigrantes alemães, mesmo após dois séculos no Brasil: preservar sua identidade cultural, inclusive a língua, e adaptar-se adequadamente à vida nacional (naturalmente isso se estende aos demais imigrantes).

g) o dinâmico: a sinergia e/ou arrelia interior e/ou exterior, dependente das forças centrípetas e centrífugas desencadeadas pela correlação entre os indivíduos e o grupo, e entre o grupo e outros indivíduos ou grupos. Em que pese que a coesão interna fortaleça e incentive tanto o indivíduo quanto o grupo, decorre dela, também, o “efeito porco-espinho”, qual seja, o de que as cerdas de uns espetam os outros e vice-versa. Há querelas internas que muitas vezes levam à formação de núcleos mais estritos e interiores, arcanos de poder, que, no mínimo, são percebidos de modo ambivalente pelas periferias desses círculos herméticos de poder. Neste caso, como bem assinalado em ambos os movimentos Mucker, cresce a chance da traição e celeuma e da conseqüente perseguição e banimento, senão, homicídio. E essa coesão interior é diretamente proporcional ao isolamento exterior, o qual, por sua vez responde, perseguindo e discriminando cada vez mais os sectários. Como visto, a tesoura da diástase, cedo ou tarde, irremediavelmente chegará a um ponto sem retorno e de ruptura.

h) o socioeconômico: a criação de uma subcultura, relativamente autônoma, baseada fundamentalmente no escambo, na subsistência, e seu choque com a cultura predominantemente capitalista de mercado. Uma das queixas comuns dos comerciantes é a de que os Mucker só vinham trocar ‘alhos por bugalhos’, o que naturalmente não favorecia seus negócios, mesmo que subestimassem o valor daquilo que adquirissem, e superestimassem o que retribuíssem em troca. Ainda assim, no contexto do imaginário que circulava entre os detratores dos Mucker, dava-se por certo que estes acumulariam valiosos tesouros escondidos, talvez em ouro, prata ou joias, e esse, sem dúvida também, foi um motor à investida contra os mesmos, contando-se com os respectivos espólios da pilhagem, que, seguidos da queima de suas casas, mal pudessem ser contabilizados, nem sequestrados judicialmente. Fato é que alguma coisa restou, conforme os

autos, e o que foi devidamente registrado, não fora de pouca monta. Os sobreviventes, não obstante, ficaram só com as roupas do corpo, e se salvaram graças às habilidades de sobrevivência que desenvolverem junto à mata das margens do rio Cai. Todavia, novamente, em ambos os casos, os movimentos recebiam assistência de dentro e de fora, ficando sem resposta a questão, se tudo realmente fosse compartilhado ou servisse para locupletar seus líderes (Lá Schönherr e Ebel; cá, principalmente, Maurer).

i) o socioeducacional: a formação identitária de um povo sem acesso à alfabetização e instrução no vernáculo, passível de toda a sorte de manipulação, com ou sem dolo eventual. Antes de tudo, cabe dizer que a revisão bibliográfica, praticamente sem exceção, considere os adeptos dos Mucker de cá e de lá como analfabetos, ignorantes, supersticiosos e estultos. Isso certamente não corresponde à verdade em ambos os casos. Todos(as) ao menos aprenderam seus respectivos ofícios, havendo entre eles professores, pastores, músicos, dirigentes, regentes, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, lenhadores, lavradores, açougueiros, sapateiros, etc., cujo conhecimento fora repassado de geração em geração. Meus ancestrais, p. ex., desenvolveram a arte da carpintaria, desde modestos tanoeiros, a construtores de casas de madeira e de alvenaria, inclusive de templos religiosos e salões de baile (meu avô, Henrique Noé Filho, e especialmente seu primogênito, Arno Lauro Noé, *in memoriam*, construíram a Igreja da IECLB de Picada Felipe Essig, bem como, o salão de bailes Nied e muitas residências ainda hoje de pé e que preservam certo charme peculiar). Por outro lado, certamente não se trata de um caso isolado, que eu mesmo fora alfabetizado primeiramente em língua alemã, aprendendo o português só mais tarde, na escola. Meu pai igualmente completara o ensino fundamental em língua alemã, aprendendo o português desde uma gramática alemã. Este possivelmente foi o caso, senão de todos(as), de muitos(as) descendentes alemães. Uma das razões que possivelmente levava à cisma com o ensino das escolas e das igrejas é que, no primeiro caso, os professores locais não dominassem o alemão, para o devido ensino das crianças de fala alemã, e no segundo, o uso do *Hochdeutsch* (alemão-alto), pelos pastores formados na Alemanha e enviados ao Brasil, e não do *Niederdeutsch* (dialeto baixo-alemão), mormente o *Hunsrückisch*, amplamente falado pelos imigrantes. Também e, não obstante, devido à formação teológica dos últimos, avessa aos movimentos de avivamento religioso e decerto mais simpática à neo-ortodoxia protestante.

j) o apocalíptico: dada a certeza do malogro de qualquer insurreição diante da onipotência da sociedade em geral e do Estado em particular, o incremento paulatino da iminência da (auto)destruição e a expectativa parusíaca de um recomeço do zero, ladeado por uma cultura vicária, que beira à autoimolação e autodestruição. Certamente não há como negar que essa esperança consta da Sagrada Escritura, mas não no sentido mórbido suicida, e sim, redentora, em relação à vinda definitiva do Reino de Deus, onde o *Jammertal* (vale do lamento) — ou quiséramos remeter-nos ao profeta Ezequiel do Primeiro Testamento, o vale dos “ossos secos” (Ezequiel 37) — será transformado em um lugar onde não mais haverá nem choro, nem lágrimas, mas alegria e justiça. Também, a referência ao dilúvio e a Noé certamente estavam no horizonte dessa esperança por um mundo novo (não é por acaso que corresse o boato às margens do Ferrabrás de que os Mucker estariam construindo duas — *sic* — arcas no alto do morro). Como consolo à dor e ao sofrimento, anuncia-se a salvação dos eleitos e a destruição dos ímpios. Tanto isso é verdade que muitos já não conseguem se conter em sua ânsia pelo advento do *kairós*, que achassem por bem tomar medidas ativas à antecipação de seu advento epifânico, curiosamente

associado ao domingo de Pentecostes<sup>23</sup> (Schönherr também se autocompreendia como o *paracletol*). A mesma Escritura, porém, adverte que não se devesse precipitar a *ira Dei*. Mesmo assim, este fora o caso, o que fatalmente implicou a escalada da violência e a destruição à ferro e fogo, não dos detratores, mas dos próprios fiéis. Poder-se-ia interpretar esse anúncio como *ultima ratio* de uma gente que tenta se defender com a ‘arma’ que lhe resta: o anúncio do juízo de Deus!

h) o inimigo oculto, melhor, os inimigos ocultos: em ambos os casos Mucker ocorre uma suposta infiltração interior por traidores, e a interferência externa de inimigos (sejam por quais fossem as razões: contendas intra- e interfamiliares, inveja, ódio, revanchismo, oportunismo, interesses econômicos e sociais e, não por último, ideologias ou *Weltanschauungen* concorrentes de ordem filosófica e/ou teológica). Chama a atenção que há diversos personagens, no mínimo ambivalentes, que açodaram as contendas em ambos os lados e que agissem como “eminências pardas”. No caso de Königsberg, ocorreu um embate direto com um pastor(!) maçom, o que se repetira ao Ferrabrás na figura de um dos seus mais ferrenhos críticos, Carlos von Kosititz. Também se supõe no caso do Ferrabrás a suposta influência Mórmon, encabeçada por Klein. E, não por último, o proselitismo cristão, da parte do ominoso personagem Hards, que teria influenciado Jacobina no sentido desta se religar à tradição pietista da família Mentz, e converter um *Verein* (associação) originalmente ligado a certa filosofia natural, em um conventículo de matriz religiosa segregacionista e anticlerical. Não obstante, cabe lembrar que se houve ou não essa influência ativa, os(as) adeptos(as) dos Mucker não tinham nenhum interesse em desfiliar-se das suas respectivas denominações religiosas, seja da Evangélico-Luterana ou da Católico-Romana. Cabe lembrar que essa vinculação só foi posta à prova, em razão das campanhas ativas dos representantes ordenados dessas denominações contra o grupo, e sua consequente humilhação pública, que paulatinamente fora recrudescendo a ponto de torná-la insustentável. Os casos mais emblemáticos dessas afrontas públicas, só para ilustrar, diziam respeito à “rabonagem” e aos cânticos hostis das crianças, dizendo que transformariam a líder Jacobina em “linguiça”.<sup>24</sup> Todavia, não mandar mais as crianças à escola e desligar-se da comunidade religiosa também significava um problema econômico à própria manutenção destas, haja vista que os membros sustentassem, através de suas contribuições, a subsistência de ambas.

i) a pressão social: grupos desta natureza tendem a criar uma realidade própria, quiçá, hipo- ou hipertrofiada, contagiante, e que precipita fenômenos surpreendentes, foram *insights* coletivos, onde um ou mais das(os) integrantes, no auge da pressão psicológica, auferem voz e significado a coisas tacitamente compartilhadas pelo grupo, mas ainda não reconhecidas conscientemente. Para usar uma metáfora, cria-se um vórtex em torno de um núcleo inicialmente vácuo, ou preenchido por imagens opacas, para o qual são atraídos elementos que naturalmente têm envergadura suficiente para preenchê-lo, ainda que estes, a princípio, não tenham ciência

<sup>23</sup> É interessante o dado que consta da obra de Domingues: “Disseram os jornais da época que a decretação do extermínio dessas famílias fora feita por Jacobina na reunião do domingo do Espírito Santo, que caiu a 24 de maio e que a data fixada teria sido o dia do S. Bartolomeu, que se comemora a 24 de agosto.” E, mais adiante: “[n]a noite de S. Bartolomeu deviam começar os assassinatos; porém, com o incêndio da casa de Martinho Cassel e os homicídios perpetrados nessa família, frustraram-se todos os planos desses perversos, porque não lhes restou tempo de organizar tudo conforme seus desejos.” (Domingues, 1977, p. 285, 324).

<sup>24</sup> “Noé, em seu precioso manuscrito, conta que a campanha contra a seita havia atingido o auge; crianças, a brandir facas, diziam: ‘Com esta faca queremos fazer linguíça de Jacobina!; as mulheres instigavam os maridos: ‘Matem-na a tiros, queimem-na, reduzam-na a carvão, pois ela e uma bruxa!’” (Domingues, 1977, p. 285).

deste processo, tampouco saibam ou se julguem incapazes de liderá-lo. É uma estranha dança, onde não se sabe bem quem, em determinado momento, conduzirá os movimentos, se é o grupo, o meio, ou a(o) líder. No caso de líderes natos, como em Königsberg e no Ferrabrás, eles são concomitantemente protagonistas e coadjuvantes. Todavia, chama a atenção que nenhum desses líderes possa se catapultar de moto próprio a tal núcleo central sem que seja aclamado e proclamado como tal pelas(os) aderentes. Neste ínterim, de modo especial, se destaca que em Königsberg uma Mucker haja sido levada por essa dinâmica a confessar “eu sou o anticristo” e no Ferrabrás, contrário senso, uma seguidora anunciasse que “Jacobina é a Cristo”. Aliás, um fenômeno que já é conhecido no Novo Testamento, onde quem primeiro reconheceu Jesus Cristo como o Filho de Deus fosse justamente um “endemoninhado” (Cf. Marcos 5.1-20). E, intimamente ligado a isso, a formação de um entorno social que recaia em uma espécie de frenesi autofágico, no sentido de primeiro segregar e depois destruir furiosamente o suposto mal, que, na verdade, surgira como uma espécie de ‘pústula’ em um corpo já sob metástase.

j) o líder masculino e/ou feminino: os líderes masculinos do círculo Mucker de Königsberg apresentam diferenças idiossincráticas entre si, como não poderia deixar de ser, uma vez que pressupõem personalidades e histórias de vida subjetivas diferentes. Enquanto Schönherr carrega traços típicos de um filósofo grego clássico, guardadas as proporções, Ebel lembra um Adonis ou um Narciso, ou ainda, Apolo. E ambas certamente contrastam com a de Jacobina, que remete à grande mãe Natureza, ou às fadas, seres encantados, mágicos, cujas palavras parecem brotar de uma fonte vital, verdadeira e pura, ligada visceralmente à natureza. Daí seu efeito hipnótico sobre seus(suas) admiradores(as)! Consequentemente, também despertam a inveja e o medo, especialmente em relação à habilidade natural desta última de despertar paixões desenfreadas, portanto ambiguidade, ora vista como profetiza, Cristo, ora encarnação do mal, bruxa, provocadora de confusão, desavença, discórdia e separação de casais. Todos, não obstante, se encontram no sentido de evocarem motivos mitológicos profundamente arraigados na história da cultura comum. Querendo ou não, conscientemente ou não, incorporam fantasias, sonhos, desejos, necessidades, que transcendem a própria natureza histórica e fática das personagens, para tornarem-se seres ‘alados’ que pairam sobre a realidade das coisas naturais. Em termos psicanalíticos, poder-se-ia dizer, desencadeiam o enlace da transferência e contratransferência (bem como, a identificação com o líder, a veneração do pai/mãe majestático/a e, não por último, a neurose individual diluída em uma universal). Quanto mais suas personalidades específicas se fundem à imagem ideal, tanto mais aumenta seu poder e influência sobre as(os) adeptas(os), muitas vezes, perdendo a noção de sua própria responsabilidade com as(os) que cativam (para lembrar Saint-Exupéry). O destino do grupo é definido pelo desejo e a necessidade individual, sendo que este pode adquirir caráter edificante ou francamente autofágico. Lamentavelmente, como também ocorre em tantos outros casos do tipo, o segundo, à maioria das vezes, acaba se confirmando. Isso porque, uma vez desencadeada essa dinâmica, seja no sentido individual ou coletivo, dado seu caráter irracional/inconsciente, perdem-se as rédeas sobre seus desígnios. Se associarmos esse processo ao movimento de Jesus Cristo, também resguardadas as devidas proporções, a questão só pode ser resolvida pela morte vicária da(o) líder em favor da vida das(os) demais: para que todas(os) sobrevivam, a líder precisaria abdicar conscientemente de seu poder, ser crucificada e morrer como sujeito histórico, para ressuscitar enquanto ser eterno, escatológico, doador duradouro da vida. Ou, simplesmente, como no caso de Königsberg, ser destituído de sua liderança mediante internação compulsória.

k) o elemento jurídico propriamente dito: o processo legal do episódio Mucker de Königsberg culminou na condenação dos líderes do movimento à respectiva destituição imediata de suas funções públicas e internação compulsória em instituição psiquiátrica, até que um laudo forense comprovasse a melhora de seu quadro clínico, embasado no conhecimento médico até data disponível. Já no caso dos líderes do episódio do Ferrabrás, em especial, de Jacobina Maurer, o testemunho do médico familiar Dr. Hildebrand, bem como a declaração da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, após internação compulsória por 20 dias não detectou à época, também dentro dos conhecimentos médicos disponíveis, qualquer insanidade da protagonista (subentende-se naturalmente que o diagnóstico certamente se limitara ao aspecto fisiológico já que à época mal poder-se-ia esperar algum conhecimento psiquiátrico ou psicológico propriamente dito). Portanto, o processo legal deveria seguir seu trâmite legal e culminar na condenação ou absolvição, segundo os autos do devido processo. Como este não chegara a uma conclusão desfavorável à ré, essa fora declarada livre no primeiro julgamento, em São Leopoldo, o que se estendeu aos seus seguidores, tal qual fora o caso posteriormente, no segundo processo, em Porto Alegre, após os eventos que culminaram no massacre. Logo, tratou-se a questão, no seu caso, à revelia da lei vigente, haja vista que nada restasse para justificar uma intervenção armada que implicasse seu assassinato e o extermínio da maioria das(os) suas(seus) seguidoras(es). Isso ensejaria decerto, o devido reparo da parte do poder público, que não fora reivindicado à época certamente por falta de assistência jurídica competente, ao menos sob forma de uma retratação pública e reconhecimento dos erros cometidos, em favor da honra e dignidade póstuma das famílias atingidas, bem como, de seus descendentes, ainda marcados pela chaga da calúnia e difamação. Note-se também que esteja devidamente comprovado que a maioria dos adeptos do movimento possuíam bens, inclusive imóveis, dos quais fossem destituídos, sem justificativa, restando-lhes apenas a roupa do corpo, sem contar que alguns ainda fossem perseguidos e mortos mais de uma década e meia depois dos eventos, por pura maledicência.<sup>25</sup>

### Considerações finais

O Reino de Deus não está aqui nem acolá (Lucas 17.20-37). Analogamente, poder-se-ia dizer que a América não existe. Ou seja, a ideia de que no além-mar houvesse a tão sonhada terra prometida, onde toda(os) pudessem ser livres de quaisquer tipos de perseguição, seja por credo, raça ou origem. Diga-se a América livre com a qual as(os) emigrantes sonhassem, também em função de uma bem-sucedida propaganda... Talvez um tanto deslumbrados com a ideia de que, migrando à América, os excluídos, perseguidos, oprimidos, pudessem restaurar o Jardim do Éden (e de fato o encanto da natureza de Passárgada haverá de ter confirmado inicialmente essas expectativas), resetando o sistema a um ponto anterior à sua corrupção pela virulência do mal. Nem cá, nem acolá isso fora possível, porque os “campos de junco” já foram inundados desde tempos e lugares imemoráveis pela água insalubre do comportamento humano que, mesmo querendo o bem, reproduza a genealogia do mal onde quer que se atualize. Significa dizer que,

<sup>25</sup> “Sabemos, no entanto, que foram saqueadas e depois reduzidas a cinzas nada menos de sete casas pertencentes aos muckers, sendo presas pelo subdelegado de polícia João Daniel Collin, as mulheres e crianças dos proprietários ao passo que os homens tinham fugido” (130). (Domingues, 1977, p. 282) Nota: o próprio autor reconhece que seja inadequado falar em *Muckers*, haja vista que o substantivo alemão não é declinável em número, ou seja, o plural de Mucker evidentemente é Mucker!.

assim como lá, onde dois ou três estivessem reunidos em Seu nome, Ele estaria entre eles, mas também, contrário senso, justamente pela presença do Filho do Homem (da filha da mulher), o mal se revelara com toda sua veemência, assim como a treva à luz. Lá, onde vingasse um mínimo de justiça, aqueles que se antecipassem à ira de Deus foram devidamente julgados e sentenciados; aqui, onde até hoje vija a lei do mais forte, o resultado fora um banho de sangue geral (em sua grande maioria, de inocentes). Tanto isso é verdade, que, como Pilatos, não se achara nenhum motivo de culpa, ao menos antes dos fatos recrudescerem a ponto de eclodir uma violência aberta e desenfreada.

Era meu objetivo encontrar um mínimo de paz interior naquilo que concernisse ao destino trágico e cruel de boa parte de meus antepassados. Isso porque, com o nascimento, não só somos lançados para dentro de uma proto-história já pré-escrita, mas à qual é preciso inserir-se ativamente, para, conforme diga Noé em seus “Apontamentos”, não se esquecer do próprio nome.<sup>26</sup> Particularmente, o sangue da anjinha Leidard Maurer, A Filha da Fé, que já carrega no nome, o sofrimento (*Leid* – em alusão ao Servo Sofredor<sup>?</sup>), nascida em maio de 1874 e levada pelo furor ainda antes de completar três meses de vida, continua clamando aos céus e causa indignação e revolta. Se, por outro lado, ainda hoje devesse me autoconsiderar Mucker, isso está fora de questão, por três motivos principais: a designação tem caráter difamatório e foi feita extrinsecamente (possivelmente, a maioria das/os Mucker sequer sabia por quê fossem chamados assim)<sup>27</sup>; também, a insurgência teve caráter episódico, que só pode ser explicado à luz das contingências da época; e, finalmente, todas as famílias eram fieis às suas respectivas denominações, mormente, à evangélico-luterana, e somente as deixaram em função do *bullying religioso* (M. Dreher), posteriormente reintegrando-se à mesma. Meu pai, avô, bisavô e tataravô eram membros desta igreja, hoje denominada de IECLB, sendo que meu pai foi presidente do *Vorstand* (diretoria) da comunidade local de Picada Felipe Essig ao longo de quinze exercícios.

O quê, todavia, esses movimentos reincidentes na história querem nos ensinar, e temos dificuldade em aprender, é que há um limite tênue entre a liberdade e a responsabilidade, o Evangelho e a Lei, a salvação e a condenação, a ser observado com todo o afincamento, para evitar a metástase do mal. E este limite só pode ser reconhecido e discernido sob o mandamento do amor. Ou seja, a singela pergunta — a quê e a quem serve meu comportamento(?), uma vez respondida com o coração, a mente e a ação, servirá de baliza para chegar-se à conclusão acerca de qual Senhor sirvo: se é ao, da comunhão, ou ao, da discórdia! Neste tocante, não fora a tragédia e a sangria, é uma façanha irônica do destino, diga-se, história, que empós um século e meio, um sobrevivente Mucker haja se tornado pastor da mesma igreja que levasse à treva um irmão de ministério, e que se tornara um de seus maiores detratores. Neste sentido, vilipendiar um grupo que só queria ser deixado em paz e viver conforme sua própria compreensão da boa-nova, é um produto psicossocial histórico, essencialmente protestante, e que haverá de repetir-se de tempos em tempos — oxalá não com o mesmo desfecho fatídico, porque Deus, ou no sentido forte, O da Sagrada Escritura, ou fraco, o natural, soe agir *sub specie contraria*, às vezes expurgando o Mal com o mal, como nos tempos de Noé. E não fosse o sangue real derramado, a história poderia contar entre um dos contos-de-fada dos irmãos Grimm que se realizou ou,

<sup>26</sup> Cf. Moacyr Domingues, *A nova face dos Muckers*, p. 398.

<sup>27</sup> “O termo Mucker foi empregado – ao que tudo indica, pela primeira vez por Boeber, pastor evangélico-luterano, que atendia a região – para designar, de forma pejorativa, o grupo de pessoas que estava se organizando no Ferrabraz em torno das pregações religiosas de Jacobina Mentz Maurer e das atividades de curandeirismo praticadas pelo seu marido João Jorge Maurer.” (Gevehr, 2014, p. 78)

vice-versa, apresentar-se uma realidade histórica sublimada ao mito. Neste sentido, há uma nuance sutil entre um mito que se torna realidade e uma realidade que se reveste de mito.

## Referências

BIRNBAU, Karl. **Psychopathologische Dokumente**. Berlin: Springer, 1920.

CARUS, Carl Gustav. **Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma**. Trad. Sidnei V. Noé. Independently Published, 2021.

DAFFNER, Hugo. Zur Psychopathologie der Königsberger Mucker. **Archiv für Psychiatrie**. Band 67, Heft 2 und 3, 1923.

DER MUCKER IN DER EINSAMKEIT. Ein Beitrag zur Sitten-Geschichte des 19. Jahrhunderts. Leipzig: Literarisches Museum, 1837.

DEUTSCHES WÖRTERBUCH (DW): Jacob GRIMM und Wilhelm GRIMM. Tomo VI. Leipzig: Herzel, 1889 (verbete „Mucker“, pp. 2614 s.).

DOMINGUES, Moacyr. **A nova face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

DREHER, Martin N. Protestantes-evangélicos: buscando entender. In: DIAS, Zwínglio M.; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Orgs.). **Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas**. São Paulo: Fonte Editorial, p. 25-71, 2013.

DWDS. Verbete **“Mucker”**. Disponível em <https://www.dwds.de/wb/dwb/mucker> (visitado em 24.06.2024).

FUCHS, Willy. **Der brasilianische Abend, eine Veranstaltung unserer deutsch-brasilianische Schule**. In: ALZ, Porto Alegre, v. 31, n.º. 2, fev, 1934.

GEVEHR, Daniel Luciano. Um jesuíta alemão no brasil meridional conta a história dos Mucker: o cenário e sua protagonista através da narrativa de Ambrósio Schupp. **História, Histórias**. Brasília, vol. 2, n. 4, 2014.

HUNSCHE, Carlos H.; ASTOLFI, Maria. O Quadriênio 1827-1830 da imigração e colonização alemã no RS. Porto Alegre, G&W, 2004.

KANTZ, Ernst Graf von. **Aufklärung nach Actenquellen der den 1835 bis 1842 zu Königsberg in Preußen geführten Religionsprozess für Welt- und Kirchengeschichte**. Basel/Ludwigsbrug: Balmer&Riehm, 1862.

KRETSCHMER, Ernst. **Medizinische Psychologie**. Leipzig: Thieme, 1922.

KONSCHER, Paul. **Der Königsberger Religionsprozeß gegen Ebel und Diestel**. Königsberg: Thomas & Oppermann, 1909.

- LEWALD, Fanny. **Meine Lebensgeschichte**. Berlin: Otto Jahnke, 1861.
- MUXFELDT, Hugo. **A chacina mucker: crônicas**. Porto Alegre: Pallotti, 1991.
- NOVALIS. **Heinrich von Ofterdingen** [1802]. Berlin : Karl-Maria Guth, 2016.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. **Dialektik**. Berlin: G. Reimer, 1811.
- SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Über die Religion. Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern** (1799/1806/1821). Studienausgabe. Niklaus PETER, Frank BESTEBREURTJE und Anna BÜSCHING (Ed.). Zürich: Theologischer Verlag, 2012.
- SCHULTZ, Adilson. Bibliografia Mucker comentada. **Protestantismo em Revista**. Vol. 02, jan.-dez. de 2003. São Leopoldo: EST. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/download/2181/2083> (Visitado em 21.05.2023)
- SCHUPP, Ambrósio. **A tragédia histórica do Ferrabrás**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1906.
- STOLL, Otto. **Suggestion und Hypnotismus in der Völkerpsychologie**. Leipzig: von Veit, 1904.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL – TJRS. **A segunda reportagem do caso dos Mucker**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Amqziu46Urk> (visitado em 28.06.2024).

Recebido em 08/08/2024

Aceito em 02/12/2024